PSICOLOGIA EM FOCO:

entre Ciência e Experiência

M. Graça Pereira
(Organizadora)

EDITORA ARTEMIS
2025

PSICOLOGIA EM FOCO:

entre Ciência e Experiência

M. Graça Pereira
(Organizadora)

EDITORA ARTEMIS
2025

2025 *by Editora Artemis*
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2025 Os autores
Copyright da Edição © 2025 Editora Artemis

O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva M.ª Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte M.ª Bruna Bejarano
Diagramação Elisangela Abreu
Organizadora Prof.ª Dr.ª M. Graça Pereira
Imagem da Capa rishad1977/123RF
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial
Prof.ª Dr.ª Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.ª Dr.ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.ª Dr.ª Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuat*o, México
Prof.ª Dr.ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.ª Dr.ª Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.ª Dr.ª Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona,* Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis,* Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires,* Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnido da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires,* Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo,* México
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del Pais Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University,* Russia
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 Psicologia em foco [livro eletrônico] : entre ciência e experiência / organização Maria da Graça Pereira. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2025.
il. color.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Edição bilíngue
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-81701-62-8
DOI 10.37572/EdArt_150925628

1. Psicologia. 2. Saúde mental. 3. Inclusão social. 4. Desenvolvimento humano. 5. Psicologia aplicada. I. Pereira, Maria da Graça. II. Título.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

PRÓLOGO

A obra *Psicologia em Foco: entre Ciência e Experiência* reúne contribuições de diferentes pesquisadores de diferentes países e contextos socioculturais, unidos pelo objetivo de refletir criticamente sobre os múltiplos campos de atuação da psicologia. Ao articular teoria, prática e pesquisa, os capítulos que compõem este volume oferecem um panorama diverso e atual das tensões, desafios e possibilidades que marcam a experiência humana em seus mais variados âmbitos.

A diversidade temática e geográfica desta coletânea é uma de suas principais riquezas. Os textos transitam por questões ligadas ao trabalho, à saúde mental, à inclusão, à família, à sexualidade e ao desenvolvimento infantil, articulando perspectivas locais e globais, sempre ancoradas na realidade concreta das comunidades investigadas.

O livro está organizado em quatro eixos, que refletem as afinidades temáticas entre os trabalhos:

Inclusão, Bem-estar e Saúde Mental Nesta seção, o leitor encontrará reflexões que transitam entre distintos eixos de análise e intervenção. O debate inicia-se com a perspectiva de inclusão e direitos trabalhistas de pessoas com deficiência intelectual e/ou cognitiva e avança para a apresentação de modelos inovadores de aconselhamento psicológico voltados ao fortalecimento do bem-estar e da resiliência em estudantes universitários. Segue-se uma análise aprofundada dos riscos psicossociais e sua relação com a morbilidade psicológica, estilo de vida e burnout no ensino superior ao nível dos docentes e pesquisadores. Posteriormente, é apresentada uma discussão qualitativa aprofundada sobre a experiência do envelhecimento entre acadêmicos. Por fim, os avanços da farmacogenômica em psiquiatria infantojuvenil abrem horizontes promissores de personalização terapêutica e inovação tecnológica.

Família, Gênero e Sexualidade Este eixo trata das experiências de mulheres durante a pandemia de COVID-19, evidenciando sobrecarga, saúde mental e violência doméstica, e também explora a iniciação sexual de adolescentes e jovens, problematizando os fatores sociais e culturais envolvidos nos comportamentos sexuais e eróticos.

Psicologia, Trabalho e Subjetividade Os capítulos desta parte abordam, sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e da psicologia organizacional, as vivências de prazer e sofrimento em profissões como a arbitragem esportiva e o jornalismo, além de discutir a gestão da diversidade em contextos organizacionais no Equador. Estes estudos permitem compreender como reconhecimento, desvalorização e estratégias de defesa influenciam a saúde psíquica e a identidade profissional.

Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil Por fim, esta seção reúne investigações que focalizam o processo de aprendizagem em seus primeiros estágios:

dificuldades na compreensão do conceito de número, o desenvolvimento das noções cardinais em crianças pequenas e a percepção de adolescentes sobre a educação sexual integral. Os capítulos apontam para a importância de metodologias contextualizadas e de políticas educacionais sensíveis às necessidades de cada etapa do desenvolvimento.

Ao longo de 13 capítulos, este livro revela que a psicologia, para além de suas fronteiras disciplinares, é chamada a dialogar com realidades concretas, demandas sociais e transformações tecnológicas. A combinação entre ciência e experiência, presente em cada contribuição, reforça a relevância de pesquisas que não apenas descrevem fenômenos, mas também iluminam caminhos de intervenção e mudança.

Esperamos que esta obra inspire novos debates, pesquisas e práticas, fortalecendo o compromisso da psicologia com a ética e a dignidade humana, a diversidade e a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Desejo a todos uma frutífera leitura!

M. Graça Pereira
Universidade do Minho, Portugal

SUMÁRIO

INCLUSÃO, BEM-ESTAR E SAÚDE MENTAL

CAPÍTULO 1.....1

LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD INTELECTUAL Y/O COGNITIVA: INCLUSIÓN Y DERECHO LABORAL

Fátima Elizabeth Villalba

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256281

CAPÍTULO 2.....10

COUNSELLING AND PSYCHOLOGICAL SERVICES AS A MODEL FOR ENHANCING AND IMPROVING UNIVERSITY STUDENTS' WELL-BEING AND RESILIENCE

Fatime Ziberi
Zlatinka Kostadinova Georgieva

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256282

CAPÍTULO 3.....25

RISCOS PSICOSSOCIAIS, MORBILIDADE PSICOLÓGICA, ESTILO DE VIDA E BURNOUT NO ENSINO SUPERIOR

Daniele Carvalho
M. Graça Pereira

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256283

CAPÍTULO 4..... 45

EXPERIENCIAS DE ACADÉMICOS SOBRE EL PROCESO DE ENVEJECIMIENTO

Felipe Roboam Vázquez Palacios

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256284

CAPÍTULO 5.....55

FARMACOGENÓMICA EN PSIQUIATRÍA INFANTOJUVENIL: DE LA PREDICCIÓN A LA PREVENCIÓN Y EL TRATAMIENTO PERSONALIZADO

María Suárez Gómez

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256285

FAMILIA, GÊNERO E SEXUALIDADE

CAPÍTULO 6 58

MATERNIDAD CONFINADA: TRABAJO, SALUD Y VIOLENCIA DOMÉSTICA DURANTE LA PANDEMIA EN MÉXICO

Rocío Fuentes Valdivieso

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256286

CAPÍTULO 7 69

MI PRIMERA VEZ: EDADE DE INICIO DE COMPORTAMIENTOS SEXO/ERÓTICOS

Sinuhé Estrada Carmona
Gabriela Isabel Pérez Aranda
Liliana García Reyes
Miguel Ángel Tuz Sierra
Eric Alejandro Catzin López

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256287

PSICOLOGIA, TRABALHO E SUBJETIVIDADE

CAPÍTULO 8 80

ARTICULACIÓN DE LA GESTIÓN DE LA DIVERSIDAD Y LA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL: CASO DE ECUADOR PAÍS MULTIETNICO Y PLURICULTURAL

Bryan Mauricio Pacheco Añasco
Karina Silva-Jaramillo
Katia Naranjo

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256288

CAPÍTULO 9 98

ENTRE EL PLACER Y EL MALESTAR: VIVENCIAS LABORALES DE ÁRBITROS EN UNA CORPORACIÓN SOCIAL Y FORMATIVA DE MEDELLÍN

Anderson Gañán Moreno
Santiago Alejandro Ochoa Duque
Johnatan Julián Correa Pérez
Jonathan Betancur Espinosa
Geraldine Betancur Espinosa
Angela María Urrea Cuellar

https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256289

CAPÍTULO 10 120

VIVENCIAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO DE UN GRUPO DE PERIODISTAS DE LA CIUDAD DE MEDELLÍN

Anderson Gañán Moreno

https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562810

EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CAPÍTULO 11 151

DIFICULTADES EN EL APRENDIZAJE DEL CONCEPTO DE NÚMERO EN ESTUDIANTES DE PRIMER GRADO DE PRIMARIA EN EL DISTRITO DE EL TAMBO, HUANCAYO

Edith Toña Vila Herrera
Marco Antonio Bazalar Hoces
Genaro Moreno Espíritu
Walter Mayhua Matamoros
Ronald Condori Crisóstomo

https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562811

CAPÍTULO 12 165

THE DEVELOPMENT AND ASSESSMENT OF EARLY CARDINAL-NUMBER CONCEPTS

Arthur J. Baroody
Kelly S. Mix
Gamze Kartal
Meng-lung Lai

https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562812

CAPÍTULO 13 186

LA PERCEPCION DE ADOLESCENTES SOBRE LA ENSEÑANZA RECIBIDA EN EDUCACION SEXUAL INTEGRAL

Fabio Gabriel Salas

https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562813

SOBRE A ORGANIZADORA 196

ÍNDICE REMISSIVO 197

CAPÍTULO 4

EXPERIENCIAS DE ACADÉMICOS SOBRE EL PROCESO DE ENVEJECIMIENTO

Data de submissão: 21/08/2025
Data de aceite: 04/09/2025

Felipe Roboam Vázquez Palacios
Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS/Golfo)
Xalapa, Veracruz, México
https://orcid.org/0000-0003-3895-6887

RESUMEN: Se aborda el proceso de envejecimiento en académicos en Veracruz, partiendo de sus experiencias y expectativas. Se realiza un análisis cualitativo de las preocupaciones, temores, esperanzas y anhelos que tienen los investigadores sobre su envejecimiento. Se recopilaron datos de identificación y datos sobre su entorno social, salud, trabajo y expectativas de retiro. La información recabada muestra que el proceso de envejecimiento en la academia se percibe dentro de un tiempo inmóvil, pero avanzando en un tiempo que no para y que a la larga conlleva a cambios económicos, físicos, de salud, identidad, sentido y significado.
PALABRAS CLAVE: vejez; ciencia; salud; enseñanza universitaria.

EXPERIENCES OF ACADEMICS REGARDING THE AGING PROCESS

ABSTRACT: This article explores the aging process of academics in Veracruz, focusing on their experiences and expectations. We conducted a qualitative analysis of the concerns, fears, hopes, and aspirations that researchers express about growing older. We collected identification data as well as information on their social environment, health, work, and retirement expectations. The findings show that academics perceive aging as occurring within an immobile time, while also moving forward in an unstoppable flow that ultimately brings economic, physical, health, identity, and meaning-related changes.
KEYWORDS: aging; science; health; higher education.

Las palabras “vejez,” “ciencia,” “salud” y “enseñanza universitaria” son términos que poseen gran relevancia en el ámbito académico y social. Estos términos encapsulan conceptos fundamentales que son objeto de estudio en diversas disciplinas, como la sociología, la medicina y la educación. La vejez, por ejemplo, es un fenómeno demográfico que está ganado cada vez más atención debido al envejecimiento de la población en muchas sociedades contemporáneas. La ciencia y la salud son áreas interrelacionadas que buscan comprender y mejorar la calidad de vida de los individuos, mientras que la enseñanza universitaria representa un pilar esencial en la formación intelectual y profesional de las generaciones futuras. Cada uno de estos términos invita a un análisis profundo y crítico, ya que sus implicaciones son vastas y afectan múltiples aspectos de la vida humana.

1. INTRODUCCIÓN

El proceso de envejecimiento de los académicos en México ha sido poco abordado. Las recientes publicaciones a las que he tenido acceso centran su mirada en el relevo generacional, mostrando que el sistema educativo podría estar en riesgo de comprometer el desarrollo del conocimiento en el país debido a que las instituciones educativas estarían cada vez más pobladas por académicos en edades avanzadas.

Estudios como el de Rodríguez, Urquidi y Mendoza (2009) manifiestan que, a causa de la avanzada edad, disminuyen la productividad y la capacidad de generar conocimiento nuevo. Jiménez et al., (2021) siguen esta misma tendencia mostrando que los investigadores postergan su retiro y dificultan el ingreso de nuevas generaciones de académicos debido a que perderían los estímulos a la productividad que han recibido por décadas de programas como el que otorga el Sistema Nacional de Investigadores (SNI). Otros investigadores como Bensusán y Ahumada (2006), enfatizan que el personal académico no se jubila porque la Ley del Instituto de Seguridad y Servicios Sociales de los Trabajadores del Estado (ISSSTE) establece un máximo de diez salarios mínimos mensuales para el retiro, monto que es incrementado solo en función de los aumentos decretados a los salarios mínimos. Sin embargo, a este tope se descuenta 2% por servicio médico, lo que implica la reducción del salario, además de la pérdida de las prestaciones pactadas en los contratos colectivos de trabajo, las cuales exceden el 100% del salario tabular de quienes han cumplido treinta años de servicio.

La vejez en la academia está relacionada con la disminución de actividades y puede ser interpretada como un problema económico, normativo y de salud. Se ha sugerido que a partir de los 60 años comienza a bajar la productividad (Bensunsán y Ahumada, 2006). Aunque también se encuentran posturas como la de Moreira (2011), quien señala que después de los 50 años, los académicos experimentan cambios en sus vidas (valores, metas y prioridades) que traen consigo satisfacciones personales y oportunidades de crecimiento, aprendizaje y contribución a la sociedad.

Pese a estas diferentes maneras de ver la vejez en la academia, los investigadores se muestran conscientes de los cambios que devienen con la edad, algunos manifiestan sentir cansancio y preocupación por su salud y alimentación, pero a la vez señalan que la pasión y el disfrute permanente del vínculo docente-estudiante son motivos importantes para no jubilarse; muchos de ellos tienen un fuerte compromiso con la enseñanza y la investigación (Zavala, Rodríguez y Guerrero, 2019). Estudios hechos por Vergara y Figueroa (2017), Zárate (2012) en la Universidad Veracruzana (UV) han señalado que la postergación de la jubilación y el envejecimiento

de la planta docente se deben a factores como: el aumento en la esperanza de vida, las deficiencias en los sistemas de pensiones y jubilación, el hecho de que la universidad no cuente con un proyecto de retiro y alternativas que establezcan un plan de vida para el jubilado, así como la disminución de los ingresos con el retiro. Por su parte, Izquierdo, Ortiz y Escudero (2013), en su investigación sobre la salud de los académicos en la UV, encuentran que no hay una relación directa entre la salud y las funciones de los investigadores, ya que existen otros factores (edad, género, estado civil, antigüedad, factores ambientales) que pueden condicionar su mayor o menor producción. En este sentido, González y Veloso (2007), afirma que hay una relación directa entre la edad, productividad e ingresos extraordinarios.

Como se puede observar, los estudios muestran que los académicos postergan la jubilación porque esto impactaría negativamente sus ingresos, lo que motiva a continuar trabajando. Asimismo, sobresale la necesidad de reconocer la trayectoria, la difusión del conocimiento y la promoción de actividades intergeneracionales entre académicos de edad avanzada y académicos jóvenes. Una cuestión central que se observa en los estudios presentados es que no hay relación entre la edad y retiro, no obstante, el envejecimiento de la planta académica es un proceso inevitable al que hay que dar solución. Otra cuestión es que estos análisis se hacen desde un enfoque centrado en la educación, por lo que sus intereses van dirigidos a mejorar este aspecto y el ambiente laboral. A partir de estos hallazgos, hay pocas anotaciones a la forma en que se percibe el proceso de envejecimiento y vejez, por lo que quiero abonar aquí al conocimiento, analizando las experiencias del envejecimiento en la Universidad Veracruzana.

2. DESARROLLO DEL TEMA: CONSTRUYENDO LA MIRADA

Para tener una mirada objetiva, se puso especial atención en el diseño de la guía de entrevista, esta estuvo conformada por un total de 55 preguntas divididas en 2 apartados: datos de identificación y datos del proyecto. Este último apartado se dividió a su vez en 10 bloques centrales: Entorno social, Redes de apoyo, Estilos de vida, Salud, Educación, Ocupación, Ingreso y desempeño en el SNI, Jubilación y Cercanía a la Muerte.

El análisis se enfocó en la trayectoria académica y de investigación que ha seguido cada informante, pero también en las dificultades que implican la productividad, el tiempo destinado al trabajo, la producción científica, la docencia, las tutorías, las asesorías, la asistencia a congresos nacionales e internacionales, la concesión de entrevistas, lo administrativo, y un largo etcétera. Todo esto con el fin de problematizar los desafíos que enfrenta este colectivo en su proceso de envejecimiento.

Se consideró pertinente tener una muestra equitativa en lo que respecta a género. Debido a ello, en esta primera etapa, se consideraron 12 casos representativos de los diferentes niveles que tiene contemplado el SNI: candidatos de nivel I, II, III y emérito. Todos pertenecían a la UV.

Es útil mencionar que la selección de profesores/investigadores se hizo con base a sus años de servicio (15 mínimo), su edad (más de 60 años) y que continuaran activos, produciendo y difundiendo conocimiento. Esto con el fin de mostrar su vitalidad, los factores que les permiten continuar con sus labores y sus capacidades para adaptarse a las transformaciones suscitadas en las actividades que llevan a cabo, así como a las vicisitudes que trae consigo el propio envejecimiento.

Las entrevistas se hicieron en línea. Cada entrevista tuvo una duración promedio de 1 hora y 25 minutos, a través de las plataformas de los programas *Zoom y Teams.* Se hicieron entrevistas a tres personas con edades entre 71 y 73 años y siete personas con edades entre 61 y 69 años. Cuatro pertenecían al nivel III, tres al nivel II, cuatro al nivel I y uno de ellos ya se desvinculó del SNI. Nueve se encuentran casados, una mujer vive en unión libre, una es viuda y una es soltera. De estas 12 personas, tres son católicas, cuatro dicen no tener religión, una es budista y uno es evangélico. En lo que toca a su adscripción institucional, diez investigadores fueron de ciencias sociales, una de biológicas y una de psicología.

3. ENFOCANDO EL OBJETO DE ESTUDIO

Con base en las entrevistas realizadas, los investigadores se integraron a la UV en las décadas de 1970 a 1990 como becarios, asistentes de investigación o por estar en el medio como docentes. Gracias a los estímulos del desempeño académico y a las becas CONACYT, fueron superándose, adquiriendo grados de doctorado y posdoctorado. Debido a sus altos estudios y antigüedad, en la actualidad (2023), se encuentran situados en la categoría más alta (Titular C). En su mayoría, se han desempeñado durante algún tiempo como directores, coordinadores. Nueve académicos ingresaron al SNI entre los 32 y 40 años, mientras que los demás lo hicieron entrados entre los 40 y 55 años.

En lo que respecta a sus actividades, señalan que la investigación consume más su tiempo y de ahí siguen la docencia, conferencias, formación de recursos, participación en ONG (Organizaciones no Gubernamentales) y vinculación académica. Señalan que su trabajo académico les resulta satisfactorio, pues tienen la libertad de tratar los temas que les interesan y desarrollarse en los campos de su elección.

> Ser investigador en la UV y miembro del SNI me ha abierto puertas a diversos foros, visitar varios países e intercambiar reflexiones e información con otros colegas.

Resalta en las entrevistas el que se sienten satisfechos debido al reconocimiento que obtienen al ser parte del SNI. Cerca de la mitad de los entrevistados consideran que han sido pioneros en sus áreas del conocimiento: "Nadie se había fijado en el diablo como objeto de estudio", "...fui pionera en analizar los archivos del estado de Veracruz", "...no se había hecho el análisis sociológico de la educación superior ni medido el capital tecnológico".

Cinco hombres y cuatro mujeres atribuyeron su éxito y satisfacción profesional a su capacidad, dedicación, disciplina y trabajo. "Me da mucho gusto que mis textos sean consultados por los estudiantes", "tengo 968 citas en *Research Gate*, eso habla de mi trabajo".

En lo que respecta a la salud, manifiestan una visión positiva de sí mismos, percibiéndose, fuertes, productivos e incluso en mejores condiciones que sus colegas de la misma edad. Aunque se muestran conscientes de su edad y evitan hacer referencia a sus limitaciones, aceptan que hay actividades que hacen más despacio o con ayuda, pero no se autocalifican como dependientes debido a que tienen buenas prácticas de autocuidado o bien, tienen apoyo familiar y/o de asistentes de investigación.

> Estoy viviendo mi mejor momento, trato de cuidarme. Hago ejercicio, yoga y meditación.

Se jactan de tener una buena memoria y rara vez presentan olvidos ocasionales o problemas para seleccionar palabras o ideas mientras imparten una clase o una conferencia. Uno de ellos mencionó tener problemas con la *memoria de corto plazo*. La mitad presentan enfermedades degenerativas como artritis, diabetes, hipertensión, cáncer, problemas cardiacos y de la vista. Tres de ellos mencionaron tener problemas para percibir los desniveles en el pavimento a pesar de usar lentes. Diez de ellos toman medicamentos, ya sea para fortalecer su salud o por algún malestar. Al menos una cuarta parte consumen pastillas para dormir. Una de ellas usa aparatos como caminadoras, bastones o sillas de ruedas para movilizarse, pero nada de eso les ocasiona alteraciones serias para continuar con sus actividades académicas esenciales.

Destacan dos casos que recurren a la medicina alternativa para curar sus padecimientos y el de una investigadora que, debido a su artritis, se mueve con dificultad, lo que limita su desempeño en labores como la docencia y participación en congresos; incluso le cuesta moverse en su espacio de trabajo, cuando sube y baja escaleras o ir al baño.

En cuanto a la salud mental, dos investigadores señalan haber tenido depresión y otros tres, ansiedad y aunque poco mencionaron el estrés, se observó cómo lo asociaban con el desarrollo de problemas en los músculos, tendones y articulaciones. Una de ellas se le dificulta presionar con sus dedos las teclas de la computadora; otra presenta diarreas, estreñimiento y aumento del colesterol.

Algunos temen padecer *Alzheimer* y en un caso se observa miedo de volver a padecer cáncer; también algunos académicos temen a la invalidez y a no poder leer. Otro miedo latente es la soledad.

Dentro de los temores no aparece la muerte, ya que consideran que después de este evento ya no hay nada que hacer, expresaron que no dejaban asuntos pendientes. Al parecer la vida en el más allá no tiene una fuerte atracción, están más preocupados por producir y vivir bien. Otros temores son enfermedades largas y dolorosas, no tener una reserva económica para solventar las emergencias que se puedan presentar, que cambie la normatividad y aumente la complejidad de los trámites de jubilación, que los familiares cercanos se enfermen o la estén pasando mal y no se tenga posibilidad para ayudarles. “Al final lo que pesa en la vida, es lo que fuiste como ser humano no lo que fuiste como científico”.

Esto conlleva a pensar que cuando el trabajo académico ya no es el que vertebra la vida, lo que queda es pasar a otro plano donde importan más las cualidades personales: ser honesto, trabajador, buen maestro, ordenado, cumplido, etc.

Hay otras preocupaciones que aparecen como el que no haya recursos para la investigación; mantener el equilibrio entre la familia, la docencia y la investigación; publicar en revistas indizadas; no poder conformar equipos de trabajo con un sentido de responsabilidad, ya que siempre hay competencia, celo profesional, discriminación y fricciones. También les preocupa tener baja productividad y no cumplir con los requisitos que exige el CONACYT; muchos señalan falta de tiempo para sacar todo lo que se ha investigado y lograr lo que se han planteado “...tengo audios y videos que no he podido trabajar”. Hay una preocupación constante por la burocracia con la que están siendo evaluados tanto por el SNI como por sus instituciones de adscripción.

Obviamente hay diferencias entre los que tienen entre 60 a 75 años y los que tienen 75 y más, pues estos últimos viven momentos de mayor vacilación al sentir, por un lado, la necesidad de jubilarse para poder gozar de un tiempo de mayor ocio y relajación que les permita vivir con tranquilidad y con el ritmo que sus cuerpos requieren. También hay casos de quienes sienten una obligación de continuar desempeñándose en sus ocupaciones académicas porque solo así se conectan con su realidad y con ellos mismos

“siento que vivo en dos mundos, por un lado, me veo trabajando normalmente y por otro, quiero estar en un lugar con menos presiones y compromisos”.

Una tercera parte de los informantes no se ha planteado la idea del retiro; piensan que si dejan de trabajar seguirían haciendo lo mismo y que por ello es mejor continuar activos. Uno de ellos tiene el propósito de continuar con proyectos nuevos que se desprenden de lo que ha venido trabajando; otro, tiene el proyecto de hacer un compendio de sus obras; dos más tienen como meta llegar a ser eméritos, pero si no lo logran pensarían en jubilarse. Sin embargo, dos terceras partes no se imaginan cómo sería envejecer investigando y piensan dedicarse a actividades lúdicas: viajar fue la más recurrente, de ahí siguieron visitar familiares, desarrollarse en áreas como el arte, la música o la escritura, o bien, dedicarse a labores productivas en sus casas de retiro cultivando hortalizas, sembrando maíz, fríjol, chile, calabaza o árboles frutales para su autoconsumo. Solamente una considera que retirarse es necesario para dar oportunidad a los jóvenes. Otro piensa que retirarse es como un duelo, como si se estuviera muriendo.

Se observó el afán por mantenerse actualizados, especialmente en los temas en donde ellos han sobresalido, o en otros campos como el uso de *software* especializados para análisis o procesamiento de datos.

Las expectativas que se presentaron estuvieron ligadas a las trayectorias de vida, por ejemplo, las expectativas de los menores de 75 años estuvieron centradas en ampliar sus proyectos existentes pensando en nuevas betas y preguntas de investigación a futuro; vincularse con nuevas redes, en viajar a congresos y aceptar invitaciones a diversos países; participar en consejos editoriales y diversas comisiones académicas. Mientras que las expectativas de los de 75 y más, estuvieron centradas en reorganizar sus bancos de datos (grabaciones en audio y videos, fotos, notas, reflexiones) que puedan servir para avanzar en el conocimiento; en dejar un buen legado impartiendo conferencias principalmente por medio de plataformas de internet; en hacer una compilación de sus obras; en consolidar sus líneas de investigación y en formar equipos que continúen con la línea en la cual ellos han sido líderes. Hay menos expectativas en cuanto a puestos directivos o de coordinación, sobre todo aquellos en donde se tiene que viajar y estar en contacto con diversas personas.

Por otra parte, no es lo mismo envejecer siendo hombre que siendo mujer y el caso del personal académico no es la excepción. En las trayectorias de las académicas, se observó que tienen más interés en su salud, autocuidado y bienestar familiar, por lo que son más conscientes de su edad y su envejecimiento; además se preocupan más por mejorar su aspecto físico (se pintan el pelo, se cuidan sus uñas, manos, piel, se ponen

a dieta) y tener interacciones más profundas y duraderas con sus colegas. En cambio, los académicos, se preocupan menos por su aspecto físico, ocupan menos tiempo en el cuidado de su salud y se muestran más preocupados por las relaciones sociales. Las académicas tienen más inclinación por la jubilación que los académicos. Se observa más miedo a la soledad, especialmente en académicas solas, y menos miedo a la muerte, en cambio, los académicos no abordaron la soledad, solo uno señaló tener miedo a la muerte y la depresión, especialmente por no lograr sus objetivos.

En sus respuestas a las preguntas: ¿A qué se va a dedicar una vez jubilado/a?, señalaron:

Académicos*:* "No he pensado qué hacer después de la jubilación.", "a gozar la vida, viajar, pescar, bucear, ir al mar y no preocuparse por el trabajo", "Unirme con un grupo de jóvenes agrónomos y sembrar cacao, vivir modestamente y viajar".

Académicas: "a visitar a mi familia", "a estar al pendiente de mis nietos, de mi salud", "a escuchar música, a la fotografía y a viajar.»

4. CONCLUSIONES: REFLEXIONES SOBRE LA PERCEPCIÓN DE LA VEJEZ EN LA ACADEMIA

"Envejecer investigando" es una frase que enmarca el drama que describe el proceso de envejecimiento de los académicos. No les importan tanto las canas, los kilos de más, las arrugas, el estar calvos, la pérdida de la vista o la dificultad para moverse; la edad les es indiferente, mientras haya producción de conocimiento, publicaciones, conferencias, organización de foros, docencia y otras actividades académicas. En palabras concretas, la edad se siente en el cuerpo, pero no en la mente ni en el corazón.

La vejez, luego entonces, se percibe como una etapa en donde todo transcurre lentamente el tiempo se vive como algo aletargado, donde no se habla de la vejez. Es por ello que independientemente de si son menores o mayores de 75 años, los investigadores se percibieron en su mejor momento, con logros y metas cumplidas y piensan mantenerse así el mayor tiempo posible. Lo que les importa es que sus instituciones y colegas los sigan identificando como académicos de alta productividad. El trabajo aparece como la esencia de la vida, el que les da identidad y reconocimiento, el que incluso, los ayuda a mantenerse vivos sin pensar en la enfermedad o los achaques; es el que les brinda autoestima, el que les da libertad y los convoca a seguir adelante en la vida; es una fuente que da sentido y significado a su existencia. Aquí es importante resaltar que, para las académicas, el trabajo presenta una posibilidad de independencia y autonomía.

En consecuencia, retirarse de sus labores o jubilarse, significaría dejar de ser ellos mismos, así como perder el prestigio y reconocimiento. Bajar de nivel o perder la distinción como investigadores nacionales son situaciones que se experimentan como una pérdida del propio sentido de la vida, son una especie de muerte social con respecto a los valores y estándares que tiene la academia. No tener el SNI es despojarlos de privilegios, no solamente económicos, sino despojarlos de identidad y estatus, por lo que se sienten desvalorizados frente a los investigadores de la elite que si mantienen su nivel o que escalan a los siguientes ya que son éstos los que producen, los que le dan prestigio a la institución. De hecho, algunos comentan que, incluso, el trato de los familiares cambiaría si dejaran de pertenecer al SNI. Todo esto provoca que el investigador que ya no forma parte del SNI se desorganice en su vida social, laboral y familiar al no contar con el apoyo económico que les permite tener el estilo de vida al que se han acostumbrado, al ser marginados para conseguir financiamiento de sus proyectos y al ver restringidas sus interacciones colectivas. Y aquí valdría la pena preguntarse: ¿Qué expectativas tienen los que han perdido el SNI, especialmente si son académicos o académicas con más de 65 años? Aquí hay una línea importante para futuras investigaciones sobre el tema.

Luego entonces, la percepción del proceso de envejecer en la academia sólo es concebida como una vejez activa, donde se evidencia que se tienen todas las capacidades y habilidades para llevar a cabo las labores académicas, curiosidades científicas encomendadas y que el investigador disfruta poniendo pasión en todo lo que hace, lo cual se manifiesta en su rutina.

No obstante, la información recolectada muestra que hay académicos, los menos en la muestra, que se encuentran en una encrucijada al querer jubilarse, pues se sienten agotados, o bien, se sienten lentos para continuar al mismo ritmo de antes, ya sea, por alguna afección de salud o por problemas de saturación de actividades. Pese a esto, tratan de estar actualizados, aunque sientan que ya no les es posible comprender o abarcar el gran cúmulo de información que ahora se maneja. Solo por los estímulos económicos, el apoyo del SNI y otras prestaciones, como el servicio médico de la UV, persisten en continuar trabajando. Otros más permanecen porque tienen una gran vocación por la docencia y la investigación o bien, porque no conciben su vida de otra manera.

REFERENCIAS

Bensusán, G., & Ahumada Lobo, Í. (2006). Sistemas de jubilación en las instituciones públicas de educación superior y composición por edad del personal académico. Revista de la Educación Superior, 35(138), 7–35. https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602006000200007

González-Brambila, C., & Veloso, F. M. (2007). The determinants of research output and impact: A study of Mexican researchers. Research Policy, 36(7), 1035–1051. https://doi.org/10.1016/j.respol.2007.03.005

Izquierdo, G., Ortiz-García, J. M., & Escudero-Macluf, J. (2013). La salud y las funciones sustantivas de los investigadores. Una contribución a la organización de los servicios médicos de la Universidad Veracruzana. Universidad Veracruzana. https://www.uv.mx/mauditoria/files/2012/10/Belinda-Izquierdo-Garcia_new.pdf

Jiménez-Guillén, R., Mendoza-Ramírez, C. B., & Montalvo-Vargas, R. (2021). Me quiero ir, pero no sé qué hacer. Jubilación de profesores e investigadores universitarios en México. Gerociencia, 10, 126–137. https://www.researchgate.net/publication/357751743

Moreira, J. O. (2011). Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: Estudo de caso com professores universitários. Psicologia em Estudo, 16(4), 541–550. https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000400005

Rodríguez Jiménez, J. R., Urquidi Treviño, L. E., & Mendoza Grijalva, G. (2009). Edad, producción académica y jubilación en la Universidad de Sonora: Una primera exploración. Revista Mexicana de Investigación Educativa, 14(41), 593–617. https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-66662009000200011&script=sci_arttext

Vergara-Lope, S. T., & Figueroa-Rodríguez, S. (2017). Bienestar laboral de los académicos adultos mayores: una aproximación. Revista de Educación y Desarrollo, 40, 51–60. https://www.cucs.udg.mx/revistas/edu_desarrollo/anteriores/40/40_Vergara.pdf

Zárate, M. O. (2012). Una reflexión acerca de la jubilación de los académicos en las universidades públicas estatales de México. Instituto de Investigaciones y Estudios Superiores de las Ciencias Administrativas, Universidad Veracruzana, 102–106. https://www.uv.mx/iiesca/files/2013/04/12CA201201.pdf

Zavala Pérez, G. E., Rodríguez Belmonte, G. B., & Guerrero Zavala, M. F. (2019). Envejecimiento y jubilación: la experiencia de un grupo de académicas del IPN. Revista UPIICSA Investigación Interdisciplinaria, 5(1), 1–9. https://www.ruii.ipn.mx/index.php/RUII/article/view/65/72

SOBRE A ORGANIZADORA

M. Graça Pereira

Professora Associada com Agregação da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Portugal. Especialista em Psicologia Clínica e da Saúde e em Psicoterapia (especialidade avançada) pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP).

Responsável pela Consulta de Psicologia da Saúde que engloba a consulta de psicoterapia em saúde e doença e a consulta de intervenção psicológica na cessação tabágica, na Associação de Psicologia (APsi), na Universidade do Minho. Coordenadora do Laboratório de Investigação em Saúde, Bem-Estar e Rendimento e do Grupo de Investigação em Saúde & Família (GISEF) do Centro de Investigação em Psicologia (CIPsi) da Universidade do Minho.

Psicóloga e docente universitária com trajetória consolidada em Psicologia da Saúde, Psicoterapia e Psicologia da Família, integrando investigação aplicada, prática clínica e formação avançada. Coordena equipas e projetos financiados nacional e internacionalmente, com produção científica contínua sobre qualidade de vida, doença crónica, funcionamento familiar, bem-estar e intervenções psicológicas (relaxamento/hipnose, literacia em saúde, adesão terapêutica).

Linhas de Investigação: Psicologia da Saúde; Família e doença; Intervenções psicológicas em condições crónicas (diabetes/úlceras diabéticas, incontinência pós-prostatectomia, oncologia, demência, hemodiálise); Bem-estar, burnout e resiliência em contextos educativos e clínicos; Literacia em saúde e IA; Qualidade de vida e ajustamento conjugal/familiar; Avaliação e validação de instrumentos.

https://orcid.org/0000-0001-7987-2562

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescencia 61, 69, 186, 187, 188, 194, 195
Adolescencia final 186, 188, 195
Aprendizaje 46, 125, 138, 142, 145, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 193
Árbitros 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119
Assessment 41, 165, 173, 182
Autismo 1, 2, 8, 9

B

Burnout 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 123

C

CAPS 10, 11, 12, 13, 15, 16, 20, 21, 22
Cardinality development 165, 166, 169, 170
Ciencia 45, 82, 83, 125, 164
Cognición 151
Concepto de número 151, 152, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 163, 164
Conductas eróticas 69, 72, 77
Confinamiento 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

D

Debut sexual 69
Derecho 1, 2, 3, 6, 9, 65, 67, 77, 92, 93, 94, 103, 119, 150, 186, 189, 191
Derechos 1, 2, 4, 9, 71, 83, 92, 93, 189
Dificultades 6, 47, 99, 118, 121, 126, 127, 141, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 190
Docentes universitários 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 150

E

Early childhood 165, 182, 184
Edad de inicio sexual 69, 71
Educación primaria 151, 162, 163, 164
Eficacia 26, 37, 55, 56, 85, 88, 89, 90, 194

Enseñanza universitaria 45
Ensino superior 25, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 43
Estrategias de defensa 98, 100, 101, 104, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 149

F

Farmacogenómica 55, 56, 57

G

Gestión de la Diversidad 80, 81, 85, 88, 89, 90, 91, 96
Give-n 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

H

How many 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

I

Intelectual 1, 2, 9, 45, 150

L

Ley de educación sexualidad integral 186

M

Malestar 49, 62, 65, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124, 127, 149, 150
Matemática 151, 152, 153, 154, 155, 161, 162, 163, 164
Maternidad 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67
Mujeres trabajadoras 58

P

Pandemia 32, 40, 42, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67
Percepción de enseñanza recibida 186
Periodistas 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150
Pesquisadores 25, 27, 29, 30, 31, 36, 38, 41, 42
Placer 70, 71, 77, 78, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141,

143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150
Políticas Públicas y Normativas legales 81, 91
Prevención 55, 57, 77, 141
Psicodinámica del trabajo 98, 105, 120, 123, 124, 138, 148
Psicología Organizacional 80, 81, 82, 85, 86, 96
Psiquiatría infantojuvenil 55, 57
Psychosocial development 10, 22, 23

R

Relación 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 47, 69, 70, 71, 76, 77, 79, 81, 82, 93, 94, 98, 99, 100, 106, 108, 109, 113, 116, 117, 118, 123, 124, 127, 133, 144, 146, 154, 160, 188, 189, 191
Resilience 10, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 43

S

Salud 9, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 85, 86, 87, 94, 95, 96, 117, 122, 124, 134, 141, 143, 147, 148, 149, 150, 188, 189, 194
Salud mental 9, 50, 55, 57, 58, 59, 60, 65, 87, 95, 141, 143, 149, 150
Saúde ocupacional 25, 36
Subitizing 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 179, 181, 183, 185
Sufrimiento 98, 100, 101, 112, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150
Sumak Kawsay 80, 81, 82, 91, 92, 95

T

Trabajo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 156, 157, 160, 161, 186, 188, 189, 190, 191
Tratamiento 55, 57, 98, 118, 125

U

University students 10, 11, 23

V

Vejez 45, 46, 47, 52, 53, 194

Violencia doméstica 58, 63

W

Well-being 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 40, 42, 43, 81

EDITORA ARTEMIS
2025